



Proletários de Todos os Países: UNI-VOS!

Avante!

ÓRGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

Queridas camaradas:
Transmito-vos a saudação fraternal do Partido Comunista de Espanha.
Desde há largos anos o povo português vive submetido à ditadura de Oliveira Salazar, que anulou as liberdades republicanas e democráticas.

O vosso heróico e abnegado Partido bateu-se durante esse período defendendo os direitos e os interesses da classe operária,

das camponesas e intelectuais, das amplas camadas do país prejudicadas pela ditadura. O caminho seguido foi regado pelo sacrifício de muitos dos vossos melhores militantes, entre os quais recordamos a nobre figura do Bento Gonçalves.

No meio das dificuldades e perigos da vossa luta, o Partido Comunista Português mostrou sempre um alto sentido de internacionalismo proletário, de que o nosso Partido recebeu provas evidentes, tanto durante a nossa guerra de libertação contra o fascismo como posteriormente, no decurso da acção ilegal contra a ditadura do general Franco.

Aproveitamos esta ocasião para mostrar ao V.º Congresso do Partido irmão o reconhecimento pela solidariedade que em diversas ocasiões nos haveis prestado.

Por sua vez, o Partido Comunista de Espanha apoia a luta dos camaradas portugueses, não apenas em mais de um aspecto com a nossa, e está disposto a continuar a apoiar-lhe por todos os meios ao seu alcance. Neste momento, esforçamo-nos particularmente por contribuir para arancar da injusta e arbitrária prisão ao camarada Álvaro Cunhal, a quem tanto estimamos, e aos numerosos comunistas e anti-fascistas portugueses privados da liberdade pela sua ilimitada dedicação à causa do povo.

Desejamos ao vosso V.º Congresso decisões justas para unir o conjunto das forças democráticas e patrióticas na luta pela liberdade, a democracia e a paz.

Nesta luta, que é também a nossa, os laços de irmandade que unem os nossos dois Partidos entre si e com o movimento comunista internacional, sobre a base do marxismo-leninismo, consolidar-se-ão indelutavelmente.

Viva o V.º Congresso do Partido Comunista Português!

Viva a irmandade de luta do Partido Comunista Português e do Partido Comunista de Espanha!

Viva a indelutável unidade do movimento comunista internacional, com o Partido Comunista da União Soviética à cabeça!

Pelo Comité Central do Partido Comunista de Espanha

Dolores Iberfuri
Secretário Geral

A DIVISÃO DOS DEMOCRATAS FAVORECE O SALAZARISMO

A constante repressão e as intimidações de todas as espécies impostas pelo salazarismo aos democratas portugueses, o carácter fascista da lei eleitoral e a entupidação da lista das eleições, impediram a apresentação de listas de candidatos de Oposição em vários distritos, mas esse e outros obstáculos, foram vencidos vitoriosamente pelos democratas dos distritos de Lisboa, Porto, Aveiro e Braga.

A apresentação de tais listas de candidatos de Oposição, as sessões públicas, as romagens, os banquetes de confraternização e outras acções realizadas quando dos comemoorações do 5 de Outubro, o Congresso Republicano realizado em Aveiro, o manifesto eleitoral de Braga que a imprensa não pôde silenciar, as comissões eleitorais criadas em várias regiões do País e as acções que se estão a desenvolver, constituem aspectos importantes da acção das forças democráticas.

Segundo o Presidente da Comissão Executiva da U. N., Leite Lumbreras, a Oposição teve «inteira liberdade de acção» (1). Os democratas portugueses, ao longo de 31 anos de regime fascista, conhecem bem tal «liberdade». A confirmá-lo, estão os recortes arbitrários feitos na imprensa, as revistas prisões de dezenas de salmineiros de Alcochete e pescadores de Matosinhos, as centenas de democratas presos ou sem direitos políticos, etc.

A rejeição arbitrária da lista de candidatos de Oposição de Lisboa e a proibição de sessões públicas, enquanto o Supremo Tribunal Administrativo não se pronunciar quanto ao recurso apresentado pelos candidatos de Oposição, é mais um testemunho de tal «liberdade». E, para que não surjam dúvidas, o ministro do Interior (discurso do Porto), apressa-se a ameaçar os democratas que — diz ele — «optaram pela subversão social e pela negação da Pátria».

O salazarismo é a negação da liberdade, até mesmo para aqueles deputados que por criticarem desassombadamente certos aspectos da política do Governo, não viram os seus nomes incluídos nas listas da U. N., apesar de muitas das pessoas convidadas para comporem as suas listas terem rejeitado tais convites.

A divisão da Oposição não serve a causa do povo

O salazarismo tem conseguido manter o seu debilitado regime à custa da divisão das forças da Oposição.

Quando o Partido Comunista defendeu a participação dos forças anti-salazaristas nos próximos actos eleitorais, fá-lo na base de condições objectivas favoráveis à acção dos adversários do regime, resultantes das alterações produzidas na correlação de forças em Portugal e no mundo.

Essas condições favoráveis poderiam ter sido largamente aproveitadas se, em primeiro lugar, as forças democráticas de es-

querda, e de direito tivessem sabido encontrar pontos comuns de acção no plano eleitoral. O Partido Comunista tudo fez e continuará a fazer para se chegar a um largo entendimento das forças democráticas do nosso país.

Infortunadamente nem todos os democratas assim o têm compreendido. Nem todos têm sabido pôr de lado as questões secundárias que são as nossas divergências políticas, e aporrear o fundamental que é a agrupação e a conjugação das nossas forças contra o inimigo comum — o salazarismo.

Assim pode dizer-se que o anti-comunismo está a limitar os horizontes de certos meios democráticos, a enfraquecer a oposição popular ao salazarismo e a favorecer as manobras de divisão dos governantes salazaristas. Há democratas que considerem vantajosa a existência de duas correntes distintas nas forças oposicionistas. Esta concepção prejudicial levou já alguns democratas a não colaborar na apresentação de candidatos às eleições para deputados e a preconizarem publicamente a abstenção eleitoral, contra os desejos de imensa maioria dos portugueses anti-salazaristas.

Tais democratas, por infundado receio dos comunistas, estão a deixar-se embalar pelos promessas dos governantes fascistas e a provocar com as suas atitudes inconsequentes o desgosto e o desencanto de vastos sectores da opinião democrática e anti-salazarista do país.

A sombra desses enganadores promessas certos democratas decidiram não apoiar quaisquer acções que nos comemoorações do 5 de Outubro pudessem mobilizar a massa dos democratas, isto dizem eles, para não fazer o jogo dos comunistas.

O jogo dos comunistas é um jogo franco e claro. Toda a acção do Partido Comunista se orienta para a defesa intransigente dos interesses da classe operária e do povo. A demonstrá-lo estão as lutas que as classes trabalhadoras vêm travando sob a orientação do Partido Comunista e que têm levado à redução dos efeitos nefastos da política do governo de Salazar.

Pelo contrário, as posições cúbias, tramadas nas costas do povo, fazem que o salazarismo jogue em duas frentes e prolongue por mais tempo o seu odioso domínio sobre a nação.

Tais atitudes dificultam o amplo aproveitamento de todas as possibilidades legais de acção na presente campanha eleitoral e impedem numa larga medida, a organização e a mobilização das únicas forças capazes de arrear Salazar do poder — as massas populares.

Marchemos ombro com ombro

Apesar dos democratas não terem conseguido (continua na 2.ª pág.)

AVANTE PARA NOVAS E MAIS POTENTES LUTAS DE MASSAS POR AUMENTO DE SALÁRIOS

Prégando a «harmonia das classes», a camarilha salazarista, ao serviço dos grandes patrões, conduz contra a classe operária e restantes trabalhadores uma desastrosada luta de classes. Esta realidade vivida por todos os trabalhadores manuais e intelectuais não impede, porém que os fascistas salazaristas conduzam, por intermédio do ministério das Corporações, uma política de mentira e demagogia com que procurem mostrar interesse pela solução dos problemas dos trabalhadores. Como é sabido, e particularmente à medida que se aproxima o período eleitoral, os fascistas não se cansam de falar num inexistente melhoramento das condições de vida das massas trabalhadoras. Tentando enganar os trabalhadores, eles vão mesmo ao ponto de ameaçarem, em palavras, claro, os grandes patrões, como se não fossem estes a comandarem toda a política exploradora do governo de Salazar; como se este governo não fosse o governo dos grandes patrões. Qual é então a realidade?

Na indústria de lactínios o salário médio dos operários é de 14\$30; na de lençóis é de 9\$00, no distrito de Aveiro, 16\$60, no de Coimbra, 17\$20, no de Leiria e de 21\$00 no de Castelo Branco. Na indústria de cerâmica, o salário médio oscila entre 14\$70 e 24\$20. Para o sector industrial no seu conjunto, o salário médio por dia é de 23\$40 ou, em relação ao mês, um salário inferior a 600\$00. (Revista do Centro de Estudos Económicos, n.º 17-1957).

Com tais salários não se pode viver só quanto mais fundo família a sua carga. Por isso, vegeta-se, passa-se muita fome, anda-se mal vestido, habita-se em barracas.

Para melhorar esta desgraçada situação, os trabalhadores só têm um meio: a LUTA e uma arma: A UNIDADE.

Os trabalhadores passam ao ataque

Ao mesmo tempo que temos chamado a atenção dos trabalhadores para a ofensiva patronal — fascista contra as suas já miseráveis condições de vida, temos indicado a necessidade e a possibilidade de resistirem e de lutarem contra a exploração, por aumento de salários.

As massas trabalhadoras, vendo aumentar a miséria nos seus lares em consequência dos baixos salários que ganhem e do agravamento sempre crescente do custo de vida e incitados pela acção do Partido Comunista, entraram abertamente em luta contra o agravamento das suas condições de vida e por aumento de salários.

Foram os valentes salmineiros de ALCOCHETE que se lançaram em greve por au-

mento de salários. Mantendo-se em greve durante mais de um mês, os salmineiros mostraram que é possível resistir à ofensiva do patronato e do governo fascista de Salazar. Pela sua abnegação na luta, eles atraíram sobre si a simpatia e a admiração dos trabalhadores portugueses e a solidariedade dos trabalhadores estrangeiros. Estamos seguros de que a luta dos salmineiros não foi uma luta em vão, eles colherão o fruto dela na próxima campanha salmineira se mantiverem a sua unidade e combatividade.

Foram os pescadores de MATOSINHOS que, em número de 5.000, se declararam em greve pela conquista do descanso ao domingo e venceram. Foram os mineiros do Pejão que, em número de 300, apoiados pelos restantes 700, se levantaram em massa contra a tentativa do roubo de meia hora na hora da refeição e que se mantiveram em greve durante meio dia, obtendo o triunfo. Ao mesmo tempo eles reclamaram aumento de salários que os patrões prometeram satisfazer.

Foram as camponesas de Alpiçra que, em número de 500, foram para a greve por aumento de salários e que ao fim de um dia de luta venceram.

Foram os 90 operários e operárias da fábrica de conservas de peixe «Sol» de Sevilha que à saída do trabalho foram em massa pedir aumento ao patrão, o que conseguiram.

Não afrouxar a luta por aumento de salários

Estas importantes lutas da classe operária são o prelúdio de novas e mais potentes movimentos de massas. Elas indicam o justo caminho e seguir por todos os trabalhadores para conquistarem salários compatíveis com o elevado custo de vida e melhores condições de trabalho. Elas comprovaram mais uma vez a justiça dos conselhos do Partido Comunista aos trabalhadores quando lhes diz que sem luta o patronato e o governo não darão nada de gozo e que sem a luta os trabalhadores não conseguirão defender os benefícios conquistados em lutas anteriores.

A repressão a que o governo recorreu contra os salmineiros de ALCOCHETE e os pescadores de MATOSINHOS, mostram de novo que o governo de Salazar está sempre a favor dos grandes patrões contra os trabalhadores. Mas, mostrou também que apesar disso é possível vencer, como foi o caso dos pescadores, quando os trabalhadores lutam todos unidos e sem desfeiteamentos.

Estas importantes lutas, como as que pouco antes tiveram lugar por aumento de salários, contra o desemprego, contra os

roubos na previdência, por direcções honradas para os sindicatos, etc. em várias fábricas de ALGARVE, ALENTEJO LITORAL, BARREIRO, MONTIJO, ALMADA, LISBOA, VENDA NOVA S. ANTO DO TOJAL, BAIXO RIBATEJO, MARINHA GRANDE, PORTO, etc. assim como as lutas dos camponeses assalariados do ALENTEJO E RIBATEJO, mostram que as classes trabalhadoras, fartas de promessas que nunca se cumprem de vontade própria, ESTÃO A PASSAR DA DEFESA AO ATAQUE por melhores condições de vida — POR AUMENTO DE SALÁRIOS.

No momento presente não basta, realmente, resistir à ofensiva do governo e do patronato contra os trabalhadores. É NECESSÁRIO EXERCER EM MOVIMENTOS DE MASSAS CADA VEZ MAIS AMPLOS AUMENTOS DE SALÁRIOS!

Da multiplicação dos protestos, das lutas de resistência contra os roubos nos seus salários e todas as formas de exploração de que são alvo por parte dos patrões e do governo; da multiplicação das pequenas paralizações de trabalho e das greves de curta e longa duração, sairá a unidade vigorosa da classe operária, base sólida da unidade nacional anti-salazarista pelo pão, pela democracia, a independência nacional e a paz.

TODO O PESSOAL DA SOTANCO

abandonou a fábrica

Sob constantes ameaças e sob o terror policial a «campanha da produtividade», a campanha dos ritmos infernais de trabalho, começou a sua junesta obra nesta fábrica da Venda Nova.

Ao fim de pouco tempo mais de metade do pessoal estava de cama e não comparecia ao trabalho. No peito de todos os que lá ficaram cresce a indignação e a revolta e resolverem todos unidos não voltar à fábrica para trabalhar. Pronto este firme attitude e 50-90 o patronato teve que encerrar a «campanha».

O presente foi momentaneamente vencido, mas a sua fúria de lucros máximos levá-lo-á por certo em breve a tentar impor de novo a campanha que agora não conseguiu levar avante. Os operários da SOTANCO virom já quanto pode a sua unidade. A futuras armadilhas, que TODOS SE OPONHAM À UMA a trabalhar mais do que o costume e do que as suas forças podem aguentar, o o patronato será mais uma vez derrotado.

OS 1.000 MINEIROS DO PEJÃO ALCANÇAM NOVA VITÓRIA

Insistindo na luta por aumento de salários os 1.000 mineiros desta mina de carvão arrancaram aos patrões um aumento diário de 4 a 6\$00.

É grande o contentamento entre todos os mineiros por esta vitória, pois todos vêem que se não fosse a luta o aumento não vinha.

Esta vitória deve também dar novo alento aos valentes mineiros a lutarem para que a travessia do barco quando vão para o trabalho seja paga pela empresa, e também contra o roubo das férias anuais, que a empresa vem fazendo há muitos anos, pois por cada dia de trabalho perdido são descontados 5, de maneira aos mineiros chegarem ao fim do ano com 40 dias perdidos e portanto já não terem direito a férias.

Se estes valentes trabalhadores continuarem firmes e unidos podem alcançar a vitória das reivindicações que têm para resolver e acabar com as roubalheiras da empresa. Conseguirão ver os seus pedidos satisfeitos e acabar com as roubalheiras.

RÁDIO MOSCOVO

Transmite para Portugal, todos os dias, das 21 h. às 21.30 pelas ondas de 19,25 e 26 metros e das 22 h. às 22.30 em 29, 95 e 31 metros.



SÓ A UNIDADE DE ACÇÃO CONSEGUIRÁ O AUMENTO PARA OS FUNCIONÁRIOS PÚBLICOS

Funcionalismo público é um dos sectores que mais tem sofrido com o fascismo.

Em primeiro lugar e fundamentalmente não lhe é permitido agrupar-se em sindicatos ou qualquer outra associação de classe o que traz como consequência a desorganização dos funcionários dos vários Ministérios, dum mesmo Ministério e até dum mesma Direcção Geral.

Por isso os vencimentos, os direitos e os deveres do funcionalismo são fixados arbitrariamente pelo governo sem consultar os representantes da classe (é de notar que desde Janeiro desta ano os vencimentos dos ministros foram aumentados concretamente em 4.000\$000 mensais e que os do funcionalismo ficaram na mesma).

Em segundo lugar: a assistência na doença é praticamente nula. Se exceptuarmos o caso único da tuberculose (e mesmo este só por um período de 4 anos) em qualquer outra doença o funcionalismo durante 6 meses sofre desconto no vencimento. Findo este prazo vai para a licença sem vencimento até 90 dias, depois do que, se não tiver direito à aposentação, vai para a rua!

Vêm a seguir as pressões políticas e a disciplina verdadeiramente policial com que o governo quer fazer do funcionalismo um joguete nas suas mãos. Tudo isto dificultando o esclarecimento político sem obrigá-lo o funcionalismo a retirar a vontade de conseguir o melhoramento das suas condições de vida.

Mas o desencantamento proveniente de vencimentos de longo incompletismo com o curso da vida vai crescendo dia e dia. O funcionalismo vai notando cada vez mais que o governo pressiona com ameaças a comparecer às manifestações políticas («nuntiar-las») e o explora com vencimentos de miséria.

A prova disto foi o bom acolhimento que teve entre o funcionalismo a circular recentemente lançada por um grupo de funcionários onde se expunha e analisava dum maneira correcta e justa, a nossa ver, a situação da classe. Múltiplos locais de circulação foi discutida por toda a gente que, dum maneira geral, a acolheu com entusiasmo.

Transformar tal entusiasmo em acção unida de TODOS os funcionários públicos, seja qual for a sua ideologia política, a sua religião ou a sua idade, levar os funcionários, homens e mulheres, a unirem-se em Comissões de Unidade para conduzirem a luta por melhores vencimentos, e uma das tarefas mais importantes dos funcionários mais esclarecidos e progressivos.

DEZENAS DE MILHARES DE PORTUGUESES PARTICIPAM NAS COMEMORAÇÕES DEMOCRÁTICAS DO 3 DE OUTUBRO

47.º aniversário do glorioso data da implantação da República foi comemorado de Norte a Sul do País com vibrantes manifestações de dedicação e fidelidade aos ideais da DEMOCRACIA e LIBERDADE, e com entusiásticas afirmações de firme determinação de reconquista para Portugal desses dois preciosos bens porque tanto lutou o nosso povo nos jornadas de 31 de Janeiro e de 5 de Outubro de 1910.

Em muitas localidades tiveram lugar as mais variadas comemorações que indo desde o hastear da bandeira nacional e do ressoar da «Portuguesa», hino revolucionário e patriótico, a das salvas de foguetes e morteiros até às confraternizações e romagens, anunciaram e destacaram a data do 5 de Outubro como uma das mais queridas do nosso povo.

Em Lisboa A vontade de unir e lutar foi proclamada por vários oradores

Além da romagem da mais de mil pessoas ao cemitério do Alto de S. João, em que se destacavam as delegações dos operários da Carris, da Construção Civil, de C.P., CLUF do Barreiro e de outras empresas, tiveram lugar vários actos, como um almoço de confraternização com a presença de mais de 150 democratas e uma sessão no Centro Republicano António José de Almeida com a participação de cerca de mil pessoas entre as quais alguns combatentes do 5 de Outubro.

Durante o almoço realizado no restaurante do café Peladium e na sessão, o sr. Luís da Costa Santos depois de salutar a necessidade de «uma direcção única» afirmou: «Os dirigentes políticos republicanos não podem esquecer-se a si próprios. Somos homens de princípios e temos de os defender até à morte». Mais adiante, criticando os elevados descontos nos salários disse: «Porque é então, que tudo pode subir menos os salários dos que trabalham? Ao contrário do que se afirma o aumento de salários não agrava a economia pública». No mesmo almoço, o sr. Rebelo da Silva pediu a todos os republicanos, independentemente dos seus pontos de vista para que se unam e trabalhem de mãos dadas, pois só assim será possível alcançar as liberdades desejadas.

Por sua vez o sr. Dr. Ramon de la Féria apelou para a unidade de todos os republicanos, imprescindível em todos os momentos e perante todos os problemas, e exclamou: «Não tenhamos medo!»

Lamentando que houvesse, às vezes, divergências entre correligionários e amigos, o sr. Dr. Câmara Reis afirmou: «Sou leal à luta não só pela conciliação própria, mas ainda pelo entusiasmo alicho, sobretudo dos moços». Também o sr. Professor Azevedo Gomes disse: «Todos temos a obrigação de não desistir da luta, até ao momento da vitória. Dizem-nos: Venham até nós... Os problemas são nacionais... mas como pode um homem consciente colaborar com uma situação fiscalizada e servida pela censura? Não queremos ser cidadãos de uma pátria livre».

No Porto

Cerca de 3.000 pessoas, entre as quais as candidatas da Oposição, vitórias, no Coliseu, a República, o Democracia e a Liberdade e cantaram a «Portuguesa». Realizou-se também com a participação de centenas de democratas uma sentida homenagem junto ao monumento dos heróis do 31 de Janeiro no cemitério do Prado do Repouso.

Em Braga

Realizou-se uma sessão comemorativa em que participaram mais de 1.000 democratas. Nesta sessão o Dr. Joaquim Lopes, candidato oposicionista, disse: «Nós, jovens, não podemos abdicar de uma intervenção na coisa pública para cumprir o dever que se nos impõe» e o Dr. Salgado Lobo afirmou que a juventude dos nossos dias luta por um Estado «que de pão e casaca aos operários e cultura aos sedentos de saber que abra perspectivas luminosas sem receio de dizer a verdade, e esse Estado só pode ser verdadeiramente realizado dentro da República e da Democracia, que não põem pelas ao espírito humano».

Em Aveiro

As comemorações do 5 de Outubro tiveram grande brilho. Realizaram-se recepções especiais ao grande democrata Dr. António Luís Gomes e ao sr. General Ferreira Martins. Realizou-se um romagem ao cemitério e um almoço de confraternização. Durante este e entre vários oradores falou o Dr. Mério Sacramento que apelou para todos os presentes para que, unidos, cada um fizesse alguma coisa que contribuisse para tornar realidade as justas aspirações dos republicanos. Encerrando a sessão, o sr. General Ferreira Martins, pediu a união de todos os republicanos. No dia seguinte realizou-se o CONGRESSO DISTRITAL REPUBLICANO com a presença de mais de 300 delegados e convidados. Abriu o Congresso o velho combatente republicano Dr. António Luís Gomes, disse que «A LIBERDADE não estava só na palavra Republicana — o que a caracterizava era o povo ser livre». Entre os toques apresentados...

A DIVISÃO DAS FORÇAS

(continuação)

seguido chegar a acordo para a apresentação de candidaturas, continua a existir um largo terreno de entendimento de forma a haverem unidos a batalha para as próximas eleições à Presidência da República e Juntas de Freguesia, e desde já para a luta pelas liberdades democráticas, pela amnistia, etc., entre estas em que todos estão igualmente interessados.

A condução destes lutas será facilitada se for possível formar numerosas comissões eleitorais que comecem e actual em seguida no apoio às candidaturas mobilizando as massas em volta dos candidatos e ajudando-os a vencer as inúmeras dificuldades que têm pela frente.

Estas comissões serão também de grande importância nos distritos onde não há candidaturas, muito embora aqui seja necessário levar as massas à abstenção e a facilitar a concorrência às mesmas. Além disso estas comissões podem realizar tarefas muito para além do período eleitoral, pois logo a seguir aparece o recenseamento e será de grande vantagem para as futuras lutas democráticas que milhares de portugueses se reconhecem.

A acção corajosa dos democratas que se apresentaram como candidatos, assim como aqueles que os apoiam tem uma grande importância para impulsionar a luta democrática no nosso país, assim como a luta pela solução de outros problemas e para isto é muito vantajoso a realização de sessões públicas eleitorais, a edição de numerosas propagandas e a defesa dos interesses das várias camadas da população.

Da toda esta acção só colherá a experiência que servirá no futuro a luta de todas as forças democráticas na sua acção para uma mudança do regime.

ladas destacamos: «Uma política económica com a idade do progresso», do Dr. Ramos da Costa; «A crise agrícola, em especial da pequena lavoura», do Dr. Flausino Torres; «As medidas de segurança por motivos políticos contra os direitos fundamentais dos cidadãos», pelo Dr. Armando Bacerli; «Para uma ampla e vitoriosa campanha pela amnistia política», pelo Dr. Aminda Lopes; «Os trabalhadores e a autonomia sindical», pelo sr. José Silva. Foi aprovado o envio de um telegrama ao ministro da Presidência, pedindo a supressão da censura. Outro telegrama foi enviado ao Presidente da República pedindo a promulgação de uma total Amnistia política no decurso do actual período eleitoral.

Em numerosas outras terras do nosso país foi igualmente celebrado pelos democratas a data do 5 de Outubro quer com concentrações e romagens, quer em confraternizações que decorreram com grande entusiasmo, como em Secávém, Guarda, Alcobaca, Guimarães, Viseu, Selval, Beja, Marinha Grande, Viana do Castelo, Portogale, Barcelos, Silves, Moscovide, Torres Vedras, Alenquer, Montemor-o-Novo, Alcanes, Espinho, Portimão, etc., etc..

As comemorações deste ano do 5 de Outubro comprovam mais uma vez o entranhado amor do nosso Povo à Democracia e são uma garantia do muito que se poderá fazer na mobilização das forças democráticas nacionais desde que haja uma ampla unidade de acção.

AINDA SOBRE A GREVE dos salineiros

No momento presente os salineiros e suas mulheres, assim como a população de Alcochete, movimentam-se por armar de prisão 27 salineiros presos injustamente pela PIDE e o G.N.R..

Uma Comissão de 50 mulheres com o apoio de 4 padres de Alcochete, Montijo e Pinhal Novo, e de 1.400 assinaturas dirigiu-se à Câmara do Montijo, a Lisboa e às autoridades governamentais e ao Patriarcado, a reclamarem a libertação dos seus companheiros.

A esta justa petição todos os trabalhadores portugueses, homens, mulheres e jovens, devem prestar o seu apoio, enviando cartas, exposições, etc. ao ministro do Interior e ao presidente da Câmara de Alcochete, pedindo a libertação dos 27 salineiros presos.

Ajudemos no mesmo tempo com donativos em dinheiro, géneros e roupas às suas mulheres e filhos.

BOA VITÓRIA DOS EMPREGADOS DE SEGUROS

Os empregados de Seguros que vinham lutando há anos por aumento de vencimentos, viram agora satisfeitos os seus desejos pois alcançaram aumentos que vão de 250\$00 a 400\$00 mensais. Muito embora estes aumentos não satisficam inteiramente alguns empregados menores, nem por isso eles deixaram de trazer grande satisfação à classe mostrando-lhe uma vez mais que só a luta persistente dos trabalhadores lhes permite ver os seus salários aumentados.

Esta boa vitória deve impulsionar os empregados de Seguros na luta pela satisfação de outras reivindicações.

DEMAGOGIA E REALIDADE

Ao comemorar-se o 24.º aniversário do Estatuto do Trabalho Nacional, os empregados da F.N.A.T. no Porto, viram que nos paredes do Pavilhão dos Desportos estavam vários letreiros anunciando as regalias concedidas aos trabalhadores, entre os quais um que falava das férias pagas. Simplemente concluiu que estavam lá alguns que são empregados nesta organização há mais de 5 anos e que ainda não tiveram qualquer férias pelo que protestavam e alguns foram-se mesmo embora.

Isto mostra que a demagogia só dura enquanto a realidade não aparece.

CENTENAS DE REPUBLICANOS REUNIDOS EM CONGRESSO NA CIDADE DE AVEIRO SOLICITARAM AO SR. PRESIDENTE DA REPUBLICA A PROMULGAÇÃO DUMA TOTAL AMNISTIA POLITICA NO DECURSO DO ACTUAL PERÍODO ELEITORAL.

A REABERTURA DAS AULAS DEVE SER O RECOMEÇO DA LUTA DOS ESTUDANTES

Com o fim das aulas os estudantes viram-se longe da discussão dos seus problemas. Os salazaristas, porém, não dormem e apertaram na Câmara Corporativa a proposta da Lei em que os estudantes transformarem, com a sua luta, o decreto 40.900. Acontece que quase ninguém tomou conhecimento do texto dessa proposta de Lei, pois, no contrário do 40.900, não foi publicado em qualquer jornal; sómente no Porto foram publicadas algumas notas do parecer aprovado pela C. Corporativa.

Entre outras coisas, sabe-se ter a C. Corporativa reconhecido existir no 40.900 uma «velada ameaça dum morte próxima das associações académicas como tais». Se é verdade algum estudante mais ingenuo e candeinha, aí está como os próprios salazaristas reconhecem agora que o governo por intermédio de Leite Pinto, procurava ter as mãos livres para destruir as associações.

É preciso, no entanto, desconfiar deste reconhecimento. O governo só recuar perante a vontade firme dos estudantes e o que lhe interessa é dar uma aparência nova ao seu decreto rejeitado. A ameaça velada desaparece porque o decreto «antes de mais nada, deve ser depurado de tudo o que tem de esdríngama regulamentar e estatutário, DEIXANDO SUBSISTIR TÃO SOMENTE O QUE NELLE HÁ DE PRINCÍPIOS GERAIS ORIENTADORES da vida cívica, escolar e social dos estudantes universitários».

Quer dizer: desaparece o que mostrava nitidamente a vontade do governo de destruir as associações e ficam apenas os princípios à sombra dos quais lentamente, ora em Lisboa, ora no Porto ou em Coimbra, as vai esfaqueando, algemando, destruindo na mesma. Tanto mais que só aprovaram aquilo que é de «aplicação indistinta a Coimbra, Lisboa e Porto», «metos universitários distintos, com diverso espírito e diversas tradições»; o particular a cada uma das Universidades virá depois, lentamente, aproveitando-se da divisão que tentam fomentar e se preparam para consagrar em Lei!

Os universitários não aceitarão estas conclusões da Câmara Corporativa, ditadas por Leite Pinto e Salazar. Os alunos das 3 Universidades não se guiam por tradições mas pelos seus interesses académicos e de cidadãos — iguais perante a lei, reivindicando tratamento igual para os seus direitos e

deveres. Se a alguma tradição prestam homenagem é à da luta que sempre travaram contra as arbitrariedades legislativas e repressivas do salazarismo.

Os estudantes não aceitarão apenas princípios vagos, à sombra dos quais possam manieirar depois as suas aspirações e realizações académicas, culturais, sociais, desportivas, etc. Os estudantes querem tudo «em prazos limpos», não só princípios mas também o «regulamento» e «estatutário», querem saber o que querem dizer os senhores da C. Corporativa ao afirmar que se pretende agora apenas «em relação às associações SUBMETTÊ-LAS a um mínimo de LIMITAÇÕES e de PRINCIPIOS, ditado pelos mais altos interesses da Universidade e da Nação!»

Cartas na mesa!, pediram os estudantes neste recomeço das aulas. Os universitários esclareceram devidamente o que necessitam; não lhes venham agora responder com princípios e limitações — o que necessitam é de saber quais são essas limitações, em que é que os seus interesses se chocam com os «altos interesses da Universidade», se os seus altos interesses não são apenas os baixos interesses do salazarismo, que tudo tem feito contra a Universidade, e intelectualidade e a Nação!

EM MASSA POR aumento de salários

A inteligência dos operários e operárias da fábrica de conservas de peixe SOL, de Selval, em número de 90, ao largarem o trabalho foram TODOS pedir aumento ao peixeiro, tendo conseguido de 1\$60 a 4\$00.

Esta forma de luta quase sempre se mostra eficaz e os trabalhadores não são apenas os seus altos interesses não são apenas os baixos interesses do salazarismo, que tudo tem feito contra a Universidade, e intelectualidade e a Nação!

Estes devem ter em conta a experiência dos seus companheiros da Sol do Selval e fazerem o mesmo que eles fizeram: LARGAREM O TRABALHO E IREM EM MASSA, COM A SUA COMISSÃO A FRENTE, CONCENTRAR-SE EM MASSA NA GERÊNCIA e reclamar aumento de salário.